Departamento de Informática
Universidade do Minho
Campus de Gualtar
4710-057 BRAGA
Telefone: 253.604457
Fax: 253.604471

http://ocomboio.net

006 PATRIMÓNIO FERROVIÁRIO REQUALIFICADO - CABEÇO DE VIDE, RAMAL DE PORTALEGRE-ESTAÇÃO

O fecho de várias linhas e ramais ferroviários nas últimas décadas conduziu ao abandono de dezenas de estações e apeadeiros em todo o país. Porém, surgem casos exemplares de recuperação e reconversão cultural, desportiva, turística e associativa do património ferroviário.

De Cabeço de Vide a Torredeita, de Vouzela a Vila Pouca de Aguiar, de Carreço a São Pedro do Sul, a História deixa de ser parasita de um presente conjugado no pretérito imperfeito e que a rodovia ajudou a espezinhar para ser legado rejuvenescido do futuro.

Textos de Nuno Passos.
Fotografias de Dario Silva.
Outubro e Novembro de 2005.

Cruzamento de comboios na estação de Cabeço de Vide-Vaiamonte. A automotora na linha 2 pertencia à extinta série 50 da CP (versão curta) fabricada pela sueca Nohab.
© Pe. Augusto Serra, 1961 (?), Arquivo da Junta de Freguesia de Cabeço de Vide.

CABEÇO DE VIDE-VAIAMONTE,
P.K. 224,7
RAMAL DE PORTALEGRE-ESTAÇÃO.

A antiga estação de Cabeço de Vide, desactivada há quase duas décadas, deu lugar, em Junho, à notável Estalagem Rainha D. Leonor, um empreendimento com 18 quartos colado a uma estância termal.

Foram investidos 1,25 milhões de euros, metade vindo da Câmara de Fronteira e metade da UE, para reabilitação e equipamentos. O edifício central integra quartos, recepção e núcleo de gestão. O cais de mercadorias destina-se ao restaurante, com excelente gastronomia. As casas do pessoal operacional, concretamente da Vias e Obras, são agora apartamentos T0.

Há ainda piscina privativa, ginásio, campo de ténis e área verde. O portal ocomboio.net falou com o gerente Francisco Dias Rolo, de 41 anos e natural de Marvão, para conhecer melhor a nova coqueluche da hotelaria do Norte alentejano.

COMO DECIDIU ABRAÇAR A GESTÃO DA ESTALAGEM DE CABEÇO DE VIDE?

Eu e a minha mulher [Lisete Rolo] tínhamos um restaurante em Portalegre, mas saímos de lá por razões pessoais e de negócio. Por pouco não abrimos um restaurante em Lisboa, do qual já tínhamos chave. Foi quando o presidente [da Câmara de Fronteira] Pedro Lancha mostrou o projecto e eu arregacei as mangas, mesmo não tendo experiência da parte hoteleira.

Na restauração já temos 13 anos de experiência, com referência nos guias do "Expresso" e prémios ganhos na Bolsa de Turismo de Lisboa. Bem, já conhecia o espaço, que precisava de ser cuidado. Vi potencialidades e, olhe, estão-se a revelar a nível do restaurante e, mais lentamente, da estalagem.

COMO PODE EQUILIBRAR ESSAS DUAS FRENTES?

É uma questão de promoção dos quartos, porque quem vem geralmente volta. O nosso cliente vem de fora, sobretudo de Lisboa e do Porto.

Primeiro, porque acha piada ser numa estação de caminho-de-ferro. Segundo, porque valoriza a recuperação. E terceiro, porque já conhe-

Francisco e Lisete Rolo, Cabeço de Vide, ramal de Portalegre-Estação.
© Dario Silva, 2005.

Francisco Rolo, Cabeço de Vide.
© Dario Silva, 2005.

cia os nossos pratos. Quem vem é em geral o turista de média-alta, sobretudo português, do turismo rural e com poder de compra ou a aproveitar as escapadinhas de fim-de-semana.

Também há estrangeiros, que vêem os azulejos do exterior, entram para conhecer o espaço e ficam. E vem também o nosso cliente do restaurante: "Eh pá, então também têm quartos?!". Neste momento, o restaurante é que está a vender a estalagem. Falo do cliente de média/média-alta, mas não é bem o das termas actuais. Gosto de velhotes, mas é do género: "A gente alugava um quartinho, 150 euros por 15 dias, até trazemos a roupinha das camas e tudo". Talvez estejam habituados a isso, mas aqui não pode ser.

Há quem fique com as nossas condições, que muitas vezes são renegociadas, e há quem não fique. Há também quem marque quarto, vá ver as termas, acha que não tem condições e depois quer desistir do quarto e ir embora.

ATÉ QUE PONTO HÁ FLEXIBILIDADE NAS RENEGOCIAÇÕES SÃO FLEXÍVEIS?

Não podemos estar sempre a fazer os tais 15, 20 euros por noite. Sei que na época baixa 45, 50 euros por quarto nem todos pagam isso. Mas este é um local que, mesmo não sendo "ex libris", pode tirar potencialidades do turista ou do passante, que pode gastar/deixar dinheiro a nós e à região (em vez de ser noutro lado), para puxar um bocado pela terra e por um turismo de qualidade. E com as termas futuras virá mais clientela com poder de compra.

Não imagina o que mensalmente a Junta e a Câmara perde. Há pessoas, inclusive estrangeiros (ingleses, holandeses, alemães, norte-americanos, que podem cá deixar mais dinheiro, pagam 2000 euros para ficar cá uma quinzena ou um mês. Há poucas semanas, deixei oito estran-

geiros tomarem banho na piscina, que me telefonaram de Portalegre a pedir. Foi a tentativa de ver se éramos simpáticos. "Não quero tomar banho, quero é quartos", disse um deles quando chegaram. Às vezes, são pequenas coisas a marcar a diferença.

HÁ ALGUMA PERSONALIDADE PÚBLICA QUE CÁ VENHA REGULARMENTE? NO HALL DE ENTRADA HÁ FOTOS SUAS AO LADO DE DURÃO BARROSO E DE COLIN MCRAE, NO SEU RESTAURANTE...

Já tivemos aqui várias personalidades, políticos e não só, que querem vir sobretudo discretamente, sem grandes carros, por exemplo. Não lhe posso dizer quem são. Sabe, às vezes, o segredo não é grandes luxos mas a atenção, o conforto e o ambiente tranquilo. Tenho tido reacções bastante positivas.

JÁ ALGUÉM REAGIU NEGATIVAMENTE?

Não. E não há ninguém que não tenha dito que isto tenha sido uma óptima ideia recuperar. É de louvar a coragem e o arrojo do vereador António Gomes [pelouro das Obras e Urbanismo, Ambiente e Qualidade de Vida].

ESTETICAMENTE, AGRADA-LHE A RECONFIGURAÇÃO DO EDIFÍCIO?

Esta é a estética possível e está funcional. Isto agora é como um menino a crescer, 80 por cento está como a gente quer. Não há bela sem senão, há falhas nas obras.

Por exemplo, as varandas estão-se a descolar dos apartamentos e as lajes junto à piscina não foram cimentadas e estão a cair. Estamos a pedir à respectiva construtora para resolver isto atempadamente e com o rigor necessário. O arquitecto aproveitou o máximo dentro do espaço que tinha, desde o poço (que nunca secou, sempre teve água), o forno de lenha (muito usado nos "caterings" de casamento, para fazer pão com chouriço às 2h00 da madrugada, assar um leitão ou cabrito), a própria piscina... Tem-nos dado motivação para trabalhar. Vamos agora pedir autorização à câmara para juntar dois quartos no rés-do-chão, abrir um arco para criar uma mini-suite, há pessoas que querem quarto com salinha. E permite-nos candidatar ao estatuto de quatro estrelas.

QUAIS SÃO AS TAXAS DE OCUPAÇÃO?

O balanço é muito positivo. O primeiro mês teve ocupação de 10 por cento. Em Julho, 35 por cento, Agosto com 70 por cento, Setembro 60 por cento e Outubro decresceu um pouco. A nível do restaurante, Agosto e Setembro foi casa cheia e Outubro também, graças aos "caterings". Fazemos 60 mil euros de facturação mensal. É curioso, nos fins-de-semana começámos com um, dois quartos. Agora já enchemos 12, 13.

Temos 18 quartos (34 camas). Grande parte já fica cheio, como nas 24 Horas Todo-o-Terreno de Fronteira, Baja de Portalegre, Festival de Balões de Ar Quente [ver adiante]. Nos "caterings", também há muita gente. E os noivos acham piada, é

agradável fazer a boda aqui, temos tenda gigante. A própria decoração dos centros de mesa chegou a ser com lanternas da antiga estação e ofereceram-se comboios em miniatura aos convidados.

SERÁ PROVAVELMENTE UMA EXPERIÊNCIA A REPETIR...

Sim, penso que sim. E a estação tem história, não imagina a quantidade de ferroviários reformados que vêm cá, que apanharam o comboio para Lisboa há "x" anos para tirar sortes ou ir para as ex-colónias.

Certo dia chegou um senhor a dizer que mandava ali; só percebi a brincadeira quando me disse que era inspector da CP. E um senhor de 89 anos até chorou. Eu fiquei incomodado. "Desculpe lá, o senhor foi mal tratado, houve algum problema?" "Não, meu amigo, estou emocionado. Estive aqui quando a estação abriu, fiz aqui muita coisa, vi-a fechar, nesse dia chorei de tristeza e vi depois a estação a degradar-se. Hoje, com a idade que tenho, volto aqui e olho para a estação recuperada. Só tenho pena de não ver o comboio passar. Aqui era a bilheteira, aqui a sala de espera... Olhe, estou a chorar, mas estou muito feliz."

O COMBOIO MARCOU A VIDA DE MUITA GENTE...

Digo-lhe, chegam centenas largas de pessoas, porque estão ligadas aqui emocionalmente, trabalharam ou embarcaram cá, como é o caso dos militares das ex-colónias que foram de comboio para apanhar o barco rumo a África. E mais: as barreiras da linha foram cavadas à picareta e a terra transportada em caixotes à cabeça de mulheres, que ganhavam 25 tostões por dia levando a terra a uma área próxima para fazer um aterro.

Foi-me contado por um senhor de 90 e poucos anos, que sabe exactamente o sítio onde se tinha de partir mais para a linha passar. Cada bocadinho de História tem muitas pingas de suor. As dificuldades eram outras. Aquilo levou anos. Hoje uma máquina fazia isto em meia dúzia de dias.

QUE IMPLICAÇÃO TEM PARA SI VIVER DIARIAMENTE COM A LINHA-FÉRREA MESMO AO LADO?

Funciona como se não passasse o comboio...! [risos e pausa] Mas era um sonho mudar! Olhe, já tive a ideia de pegar num jipe velho e adaptar-lhe uns carris para as pessoas passearem por aqui fora. Há tempos, vi dois indivíduos suecos a pedalar na linha de comboio: a bicicleta de um lado com armação em alumínio e do outro lado as rodas de skate. [risos]

É uma pena, que isto está em bom estado. Quantas automotoras a CP tem a estragar-se e, no fundo, poderia oferecer à câmara, que a remodelava e punha-a a funcionar.

A SUA FORÇA DE VONTADE É ELOGIADA PELOS AUTARCAS LOCAIS. ONDE VAI BUSCAR INSPIRAÇÃO?

Quando pego numa coisa gosto de ir até ao fim. Contactei várias vezes o presidente [Pedro] Lancha na fase preliminar. Vi aqui potencial quando muita gente não via, agora dão-me razão. Sou do concelho de Marvão e emociono-me, dediquei-me de corpo e alma a isto. Passo 24 horas do meu dia aqui. Começo às 7h00, deito-me às 2h00 ou 3h00. Farto-me de trabalhar, mas, acredite, faço-o com gosto, abracei isto.

Largo da Estação de Cabeço de Vide-Vaiamonte.
© Dario Silva, 2005.

QUAIS SÃO AS ESPECIALIDADES DO "RESTAURANTE ROLO"?

Tem 30 a 40 entradas regionais e petiscos, carnes certificadas e de excelência de novilho, porco, borrego, veado ou javali. Na dezena e meia de sobremesas, há doces conventuais, fidalgos, queijinhos de amêndoa... No fundo, é um restaurante que aposta na qualidade e em preços convidativos. Ou seja, o que tínhamos em Portalegre transportámos para aqui, com a vantagem de cá termos mais espaço. E há pessoas que no domingo correm 200 km para comer bem. Este é um novo ponto de encontro e de atracção, essencial no concelho

SUPONHO QUE TROCA IMPRESSÕES COM A DEZENA E MEIA DE RESIDENCIAIS, PENSÕES E RESTAURANTES DO CONCELHO. SENTE A CRISE ECONÓMICA E A CONCORRÊNCIA?

A Estalagem foi inaugurada a 10 de Junho, embora na primeira quinzena não tenha funcionado. Acho que é das casas que melhor está a trabalhar na região. Emprega 12 pessoas (a dificuldade é arranjar empregados, porque as pessoas preferem desemprego do que trabalhar). A nossa vontade agora é que as termas abram rapidamente, para que todo o comércio funcione e possamos trabalhar durante o ano inteiro em vez de nos sujeitarmos à sazonalidade.

Em Cabeço de Vide, há um hotel e 50 quartos para abrir, aqui tem 18, perto de Alter do Chão há mais 30

Largo da Estação de Cabeço de Vide-Vaiamonte.
© Câmara Municipal de Fronteira, 1998.

num hotel recente e ainda outra estalagem. O único hotel que tínhamos vai ser deitado abaixo e alguém tem de receber as pessoas.

Cabeço de Vide está saturado, é bonito mas "está visto". A zona tem potencialidades que não tinha antes, mas a própria Região de Turismo tem de ajudar, que nos seus mapas nem sequer citava Cabeço de Vide (só Alter do Chão e Fronteira), mas aí o presidente da Junta vai-se juntar comigo para mudarmos isso.

Até o "site" da Câmara de Fronteira não fazia referência a este património. Isto esteve fechado durante

Largo da Estação de Cabeço de Vide-Vaiamonte.
© Pe. Augusto Serra, 1961(?), Arquivo da Junta de Freguesia de Cabeço de Vide.

Estalagem Rainha D. Leonor, antiga estação de Cabeço de Vide, ramal de Portalegre-Estação.
© Dario Silva, 2005.

muito tempo e agora temos de nos preocupar. A gente merece e esforça-se por isso.

MAS SE O VOSSO CLIENTE PORTUGUÊS NÃO É CONCRETAMENTE O DAS TERMAS, EM QUE MEDIDA É QUE O NOVO VALE DA SULFÚREA SE PODE TORNAR MAIS-VALIA PARA A ESTALAGEM?

Não são só os idosos que fazem termas, mas a faixa dos 30-50 anos, que tem mais dinheiro. A partir do momento em que o balneário estiver pronto, vai ser um "boom".

O QUE PONDERA FAZER EM TERMOS DE SERVIÇOS E DE DECORAÇÃO PARA ACENTUAR A LIGAÇÃO AOS CAMINHOS-DE-FERRO?

Desde o início queríamos uma decoração relacionada com comboios. Mas somos gente humilde e pobre, e isso implicava comprar quadros, etc. (só dos que temos já investimos mais de 3000 euros).

Uma ideia é pôr no restaurante painéis-fotografia dos antigos azulejos que estavam aqui e entretanto roubaram quando estava fechado. Entretanto, houve azulejos interiores recuperados na altura da construção, que foram retirados e com eles criados já painéis. Também pensei em fotografias históricas, mas isso será a Junta a fazê-lo, pois detém o espólio. Já imaginei fazer um mural [com comentários ou imagens de visitantes].

IDEIAS NÃO FALTAM.

É. Tenho até intenção de anunciar pela Internet ou mesmo junto da própria CP e REFER um fim-de-semana para os ferroviários, durante a época baixa.

É para os que passaram cá e os que não passaram. Vêm com preços mais acessíveis. Não há comboio, mas a própria câmara pode organizar nessa sexta, sábado e domingo um autocarro para visitar a região, nomeadamente a Coudelaria, Marvão e Castelo de Vide e fazer paragens onde o comboio passou. Tenho a certeza que grande parte das pessoas adere, tal como se adere aos chamados passeios seniores.

Este espaço não dá para receber todos ao mesmo tempo, mas dá para 300 pessoas no almoço, que facilmente se metem em três ou quatro autocarros. Precisamos do apoio da câmara e tenho a certeza que isso não nos negam.

O ideal será lá para Janeiro, e fazer com as pessoas se sintam bem,

Estalagem Rainha D. Leonor, antiga estação de Cabeço de Vide, ramal de Portalegre-Estação.
© Dario Silva, 2005.

porque "recordar é viver", não tenha dúvidas.

E UM BAR EXTERNO?

Muita gente sugere igualmente para fazermos um bar com carruagem lá fora, mas o comboio turístico Portalegre-Vila Viçosa [ver adiante o texto "Comboio turístico em estudo"] é que era ouro sobre azul. Pena é que se anda a falar nele há muito.

Repare, está-se numa estação e se tiver um comboio é óptimo, as pessoas aceitam isso muitíssimo bem, porque no fundo esta é uma linha inactiva há cerca de 20 anos.

Estação de Cabeço de Vide, © Dario Silva, 2005.

Estação de Cabeço de Vide, ramal de Portalegre-Estação.
À esquerda, © José Luís Covita, 1999.
Em baixo, © Dario Silva, 2005.

Estação de Cabeço de Vide.
© Pe. Augusto Serra, 1961 (?),Arquivo da Junta de Freguesia de Cabeço de Vide.

ESPAÇO VAI ALARGAR

Embora seja "uma criança pequenina que está a dar os primeiros passos", o complexo da antiga estação deve alargar a médio prazo a oferta em termos de espaço e de serviços. Francisco Rolo notou recentemente que os terrenos cedidos pela REFER "são maiores do que se esperava", indo a Sul dos apartamentos T0 até à vedação distante, onde há um edifício em ruína da firma ferroviária. "Faremos ali um espaço verde para embelezar mais isto", orienta.

Para o restante território, existem "várias possibilidades", embora tenham de ser encetadas "dentro de um enquadramento". "Não queremos exageros, isto tem piada por ser como é, pequenino. Se tivesse 50 quartos deixava de ser estação ou estalagem, passava a ser um hotel para meter pessoas lá para dentro. A parte do lucro é fundamental, mas também há a parte de ter um atendimento personalizado, conhecer o cliente pelo nome, sabermos do que gosta.

E a partir do momento em que a coisa começa a ser muito comprida e já não conseguimos chegar a todo o lado e alguma coisa falha, perde-se a piada", disserta Rolo.

Nesse sentido, haverá em breve obras em dois quartos contíguos do rés-do-chão da estalagem, de modo que a parede divisória seja substituída por um arco e se crie uma mini-suite. A transformação permite a desejada candidatura do imóvel turístico ao estatuto de quatro estrelas. Paralelamente, prevê-se a correcção das lajes da piscina e das varandas, a desmatação junto da ferrovia e sua rentabilização cultural.

Quanto à tenda gigante, que não ficou em pré-fabricado para poder ser desmontada quando necessário, irá encaixar-se no espaço consoante a dimensão dos eventos promovidos.

REFORÇAR A DIVULGAÇÃO

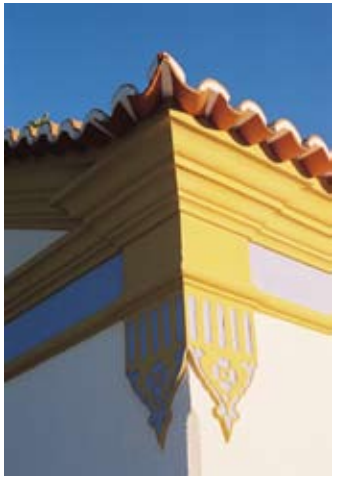
Com quase meio ano concluído, o gestor lança-se, sobretudo agora, na divulgação, tentando fintar a época baixa e preparando a época alta na hospedagem. A publicidade efectiva ao espaço iniciou-se no final de Julho, na Internet, considerada "meio caminho andado para atingir o público". A visibilidade chegou através do site oficial (www.estalagemrainhadleonor.com), um portal requintado e ao som do jazz, com design da Nextec.pt e comparticipação do POSI, Feder, Portalegre Digital e Portugal em Acção.

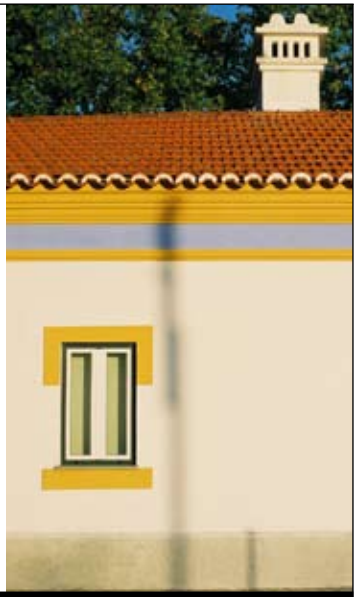
Além disso, difundiu-se "banners" e "links" em portais de referência, como MaisTurismo.pt, Portugal Meeting Guide ou Região de Turismo de São Mamede. Curiosamente, mais difícil foi "chegar" à pagina da Câmara Municipal de Fronteira (www.cm-fronteira.pt). O autarca prometeu rectificar a situação "o mais rápido possível" e, dias após a entrevista, cumpriu.

De resto, estão previstos diversos "outdoors" nas estradas nacionais da região (os primeiros foram retirados por falta de licença), bem como a articulação turística com a CP/REFER e acções de promoção junto das agências de viagem, nomeadamente a Top Atlântico. Além disso, a Bolsa de Turismo de Lisboa deverá servir como "bom local" para chegar aos operadores turísticos, que assim anexam o prestígio gastronómico do "Restaurante Rolo" à qualidade da estadia.

Voando sobre Cabeço de Vide.
© Dario Silva, 2005.

© Dario Silva, 2005





Um projecto com história dentro

ARQUITECTO JOÃO CALVINO RESPEITOU PASSADO DAS TRÊS ARQUITECTURAS E SOMOU MINIMALISMOS

A nova concepção da antiga estação de Cabeço de Vide começou a ser pensada e desenhada no final da década passada, durante a discussão do Plano de Pormenor para as imediações das Termas Sulfúreas.
A autarquia de Fronteira criara em 1996 o Gabinete Técnico Local, destinado a trabalhos de recuperação dos edifícios históricos. O arquitecto principal, João Calvino, ficou encarregue de conceber o reaproveitamento do complexo ferroviário – estava em grave risco de se deteriorar – para fins turísticos e culturais, nomeadamente hotelaria e restauração, seguindo a sugestão do autarca Pedro Lancha, que obtivera o respectivo aval e concessão de exploração prévios por parte da Refer.

"O meu objectivo foi o total respeito pelas três arquitecturas. Cada toque contemporâneo seria desprovido de pormenores ou requintes, não queria ofuscar o que lá estava", explica o arquitecto de 35 anos, agora responsável pela firma Arquitecturar, em Estremoz. Assim, o edifício central seria para quartos, recepção e núcleo de gestão. O cais de mercadorias destinava-se ao restaurante. E as divisões dos trabalhadores, das quais se aproveitou o esqueleto, tornavam-se 12 apartamentos T0, com uma porta comum a cada dois apartamentos. No espaço livre, somou-se uma piscina, um "court" de ténis e balneários, também depurados de elementos ornamentais "para não distrair a atenção".

A decisão do eborense foi tomada após contacto com o Ippar, que deu duas soluções: ou o novo se equilibrava com o velho e quase se transformava numa ampliação normal; ou desprovia-se a parte nova de materiais e ornamentos, deixando viver os pórticos, a colunata da plataforma e os painéis de azulejos. Esta última foi a opção tomada e que "melhor dignifica o património". Porquê? Vem a comparação: "Uma matriz nacional demorou 200 anos

a construir, mas tem um conjunto de estilos arquitectónicos, do altar à escadaria ou ao frontão. Eu, enquanto agente construtor, tenho de acrescentar o meu cunho à obra".

AZULEJOS DE BATTISTINI RECOLOCADOS

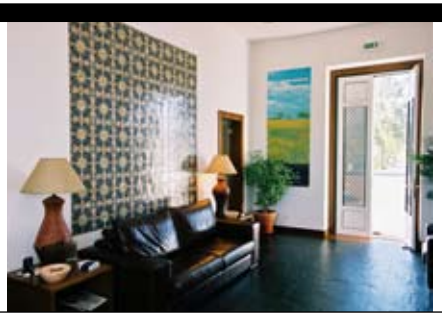
Os premiados azulejos com cenas agrícolas e espaços locais (Largo do Pelourinho e do Espírito Santo), de Leopoldo Batistini – autor de inúmeros painéis no segundo quartel do século XX e conhecido pela sua ética que levava os discípulos a assinarem as peças com ele –, resultaram inicialmente em contratempo, pois 60 por cento do material apresentava-se furtado ou danificado, inclusive no interior. "Pensámos recuperar um a um; averiguámos empresas para reconversão de painéis com base em fotos antigas, mas os preços eram astronómicos, pela tonalidade, pátina e tipo de material de época", revela João Calvino.

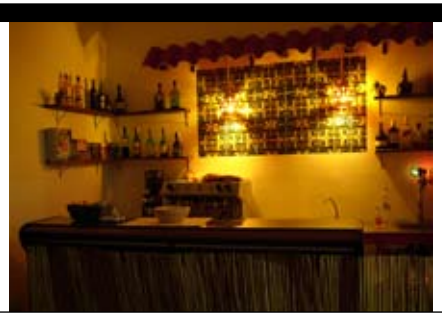
A alternativa foi recolocar os espartilhados azulejos do interior numa perspectiva contemporânea, fora do contexto em que estavam, mas com reconfiguração simples e de certo conforto (ao qual se juntou a nobreza de materiais no WC e equipamentos). "Estas parte deu-me um prazer enorme, penso que as pessoas procuram estes minimalismos", solta o arquitecto. No exterior, "assumiu-se a história violentada", salientando as falhas com reboco branco.

VARANDAS A CAIR, PLÁTANOS NA PISCINA

O agora gestor do espaço, Francisco Rolo, queixa-se de as varandas estarem "a cair" e as lajes da piscina se apresentarem "soltas". João Calvino lembra que a obra ficou pronta dois anos antes da concessão de gestão, não tendo nesse intervalo ocupação diária e as consequentes queixas aos empreiteiros. "São coisas ultrapassáveis", afirma o arquitecto, frisando que a Direcção Geral do Turismo acompanhou constantemente os trabalhos durante quatro meses, obrigando a reuniões, reclassificações e alterações.
"Preocupa-me mais o meu maior erro, o de ter colocado a piscina muito exposta à via pública e debaixo de plátanos, com folha caduca no Outono, só reparei no acto da construção", lamenta. Todavia, eventuais futuras intervenções estão salvaguardadas no Plano de Pormenor, adaptando-se o empreendimento à futura filosofia das Termas vizinhas e do novo Vale da Sulfúrea.

A terminar, o autor da recente reconversão das adegas alentejanas de Borba, Cartuxa e Valbom avisa que a REFER "devia olhar bem para o património que tem e ter imaginação contemporânea de gestão", que deve ser executada por privados mas nunca arriscando obviamente a perda dos móveis para aqueles. E deixa o apelo: "É pena ver tantas estações abandonadas; ainda pode ser feita uma gestão de reabilitação una no país, englobando o turismo, o desporto e até a cultura, desde um centro cultural, bar nocturno, restaurante, hotel... É por aí!".





Pedro Lancha, presidente da Câmara Municipal de Fronteira.
© Dario Silva, 2005.

"FOI IDEIA MINHA RECUPERAR A ESTAÇÃO DE CABEÇO DE VIDE PARA A ÁREA DA RESTAURAÇÃO E HOTELARIA, JÁ QUE ESTÁ JUNTO DAS TERMAS. NO BALNEÁRIO, HÁ URGÊNCIA EM PÔ-LO A FUNCIONAR EM 2006, PORQUE COM A DIMENSÃO, QUANTIDADE E QUALIDADE DE ÁGUA DISPONÍVEL VAI VALER A PENA NO TURISMO LOCAL. NO ALOJAMENTO, É PRECISO TAMBÉM NOVAS RESPOSTAS E SINERGIAS."

PEDRO LANCHA, PRESIDENTE CM FRONTEIRA

"A APRESENTAÇÃO DA CANDIDATURA DA GESTÃO DA ESTALAGEM DECORREU PARA PORTUGAL, FRANÇA E ESPANHA, NUM ALMOÇO COM 60 A 70 PESSOAS. FOI FRANCISCO ROLO A SERVIR E FICOU ENTUSIASMADO COM O PROJECTO. NUNCA MAIS ME LARGOU. CONTACTAVA-ME CONSTANTEMENTE, COM DEDICAÇÃO AO ESPAÇO, GARRA, FORÇA DE TRABALHO E ALMA. SE NÃO FOSSE ELE, ATÉ PORQUE É CONHECIDO E TEM DINÂMICA EXTRAORDINÁRIA, SERIA DIFÍCIL SINGRAR. IMAGINA SEMPRE FORMAS DE TORNAR AQUILO MAIS ATRACTIVO. COMEÇA A ENCAMINHAR AS PESSOAS PARA IREM CASAR À IGREJA E SOLICITA À CÂMARA O COMBOIO TURÍSTICO PARA IR PELA ESTRADA ATÉ À ANTIGA ESTAÇÃO. TEM UM PROJECTO CANDIDATO A ECOPISTA, NÃO PELA LINHA MAS POR CAMINHOS DE GADOS E TRANSUMÂNCIA, LIGANDO-OS ÀS TERMAS, PERMITINDO CRIAR ACTIVIDADES DE PESCA DESPORTIVA, PISCINA, IDA AO OBSERVATÓRIO..."

IDEM

"TIVE O PROJECTO DA ESTALAGEM EM MÃOS HÁ ANOS, NÃO PUDE REALIZÁ-LO PORQUE A JUNTA NÃO TEM TANTA FORÇA. É MAIS UM BOM EQUIPAMENTO HOTELEIRO DA VILA E VEM DAR VIDA ÀS TERMAS, QUE SÃO A FORÇA MOTRIZ DO PROGRESSO DA VILA. ALGUNS UTENTES JÁ ESTÃO A USÁ-LO."

MANUEL FONTAÍNHAS, JUNTA DE FREGUESIA CABEÇO DE VIDE

COMENTÁRIO

No Portugal profundo (célebre expressão de Alexandre Herculano), há pequenos nadas que nos cativam pela simplicidade e pelo clima de relaxamento e descontracção dos músculos, sentidos e alma. A Estalagem Rainha D. Leonor é um desses abraços que se recebe. Requintada, mas não elitista. Cuidada, mas não snob. Multifacetada, mas não dispersa. Orgulhosa, mas não arrogante. O mundo ferroviário é pretexto para chegar lá, embora seja o alcatrão a guiar os desejos.

Os azulejos do exímio Battistini, a rara colunata da gare, a gastronomia de levar a mão ao lóbulo e o atendimento delicado são apêndices visuais que marcam o primeiro contacto. Notas ainda para o repouso do cão Serra da Estrela, a moto4 à espera que lhe agarrem os punhos e o espeto alentejano a provocar comichão no estômago.

O pequeno-almoço é um manjar abençoado pelos deuses. Sem luxo, mas com o charme da simplicidade. As mãos e os olhos hesitam entre as duas dezenas de potes de mel caseiro, o pão doce e os tradicionais "croissants" franceses. A garganta pode saciar-se em vários sumos, leite e o inseparável café matinal. A tranquilidade entra pela vidraça ampla com vista para a piscina e linha-férrea. Apesar de tudo, o tempo parece estar ainda adormecido, sem pressas de encarar o dia.

Os quartos apresentam madeira cuidada, colcha suave e ambiente ultra-pacato, com TV e ar condicionado, casa de banho esmerada e ambiente em tons âmbar e pastel.
O restaurante apenso prolonga o perfil distinto e rústico. A retina regista as entradas e vitrais em ogiva com colunas de granito claro, as traves castanho-escuro de origem envernizadas, o eficazmente discreto WC num pequeno anexo após a entrada, o anexo da cozinha acrescentado, as telhas sobre o serviço de mini-bar vindas das originais do edifício e o contraste (forte mas simultaneamente neutro) das paredes brancas. Dá vontade de regressar e de conversar com ferroviários noite adentro. N.P.

O FESTIVAL DAS CORES NO CÉU

EM NOVEMBRO, CENTENAS DE PESSOAS PERDERAM O MEDO E SUBIRAM PARA UM VOO LIVRE

Há nove Outonos que o Norte alentejano é sinónimo de Festival Internacional de Balonismo. Com quartel-general em Fronteira e extensão a Cabeço de Vide e Monforte, o certame convida locais e transeuntes a pôr o nariz literalmente no ar à cata dos coloridos e exóticos aeróstatos de ar quente. Mais: promove a iniciação ao balonismo, convidando nada mais, nada menos do que um milhar de pessoas para voos livres. O inesquecível baptismo do ar – com o típico arrepio da subida vertiginosa, seguido da lenta descoberta do silêncio do espaço e da visão caleidoscópica da natureza – fascina anualmente dezenas de

Cabeço de Vide.
© Dario Silva, 2005.

crianças e jovens.
A 9.ª edição decorreu de 6 a 13 de Novembro de 2005, cativando 35 tripulações concorrentes de 10 países diferentes. Os participantes mais alegres são reincidentes: o grupo espanhol, com os inseparáveis "shots" nocturnos na goela, e os belgas, que num final de tarde da edição 2004 iam aterrar a 12 quilómetros de Fronteira, mas só pousaram... em Alcochete.

"Este é o festival das cores no céu, em que o mais comum dos mortais pode ir dar uma volta lá acima, cumprir algo que sonhou toda uma vida e nunca conseguiu alcançar. São os próprios pilotos a dizer: 'Não, não, venha daí dar uma volta connosco!'. E as pessoas gostam daquilo e arriscam, entram e perdem o medo das alturas", descreve Francisco Rolo, que na edição passada do evento teve o primeiro contacto directo com a renovada gare de Cabeço de Vide, na qual promoveu o "catering" e se apercebeu das potencialidades daquele imóvel.

Nessa semana de balonismo, a requalificada estação foi também filmada pela primeira vez para a TV, ao servir como pano de fundo da série de "apanhados" da SIC. No troço aéreo entre Cabeço de Vide e Vaiamonte, o comandante militar José Moutinho, do programa "1ª Companhia" (TVI) foi igualmente entrevistado. "Lembro-me ainda das duas miúdas da SIC, que estavam no balão cheias de medo. Enfim, esta é uma aventura, mas segura, os pilotos são super-bem-dispostos e vêm para se divertir, só que sabem o que estão a fazer", assinala Rolo.

Na versão 2005, a Estalagem Rainha D. Leonor estreou a tenda exterior gigante. Aí, os balonistas tomaram o pequeno-almoço às 5h30, como é da praxe, e jantaram (previa-se 300 pessoas por dia) a partir das 21h30, tendo o repasto acabado às 2h30 com a habitual sessão de fados e guitarradas.

Em termos de quartos, as reservas da estalagem esgotaram. "Se eu tivesse 100 quartos, era 100 quartos que estavam cheios; não imagina a quantidade de gente que isto movimenta", reforça o gerente. A câmara recebeu gratuitamente algumas camas para oferecer aos concorrentes, um acto justificado pelo apoio dado à estalagem/restaurante na divulgação e na cedência temporária de um cilindro para aplainar o chão da tenda.

Sob o lema "Voe e torne o mundo melhor", o festival internacional associou-se também a causas humanitárias, com donativos que proporcionaram 50.000 pastilhas para purificar água a populações carenciadas e 25.000 saquetas de sais de desidratação oral a crianças com desidratação diarreica.

Manhã cedo em Cabeço de Vide.
© Dario Silva, 2005.

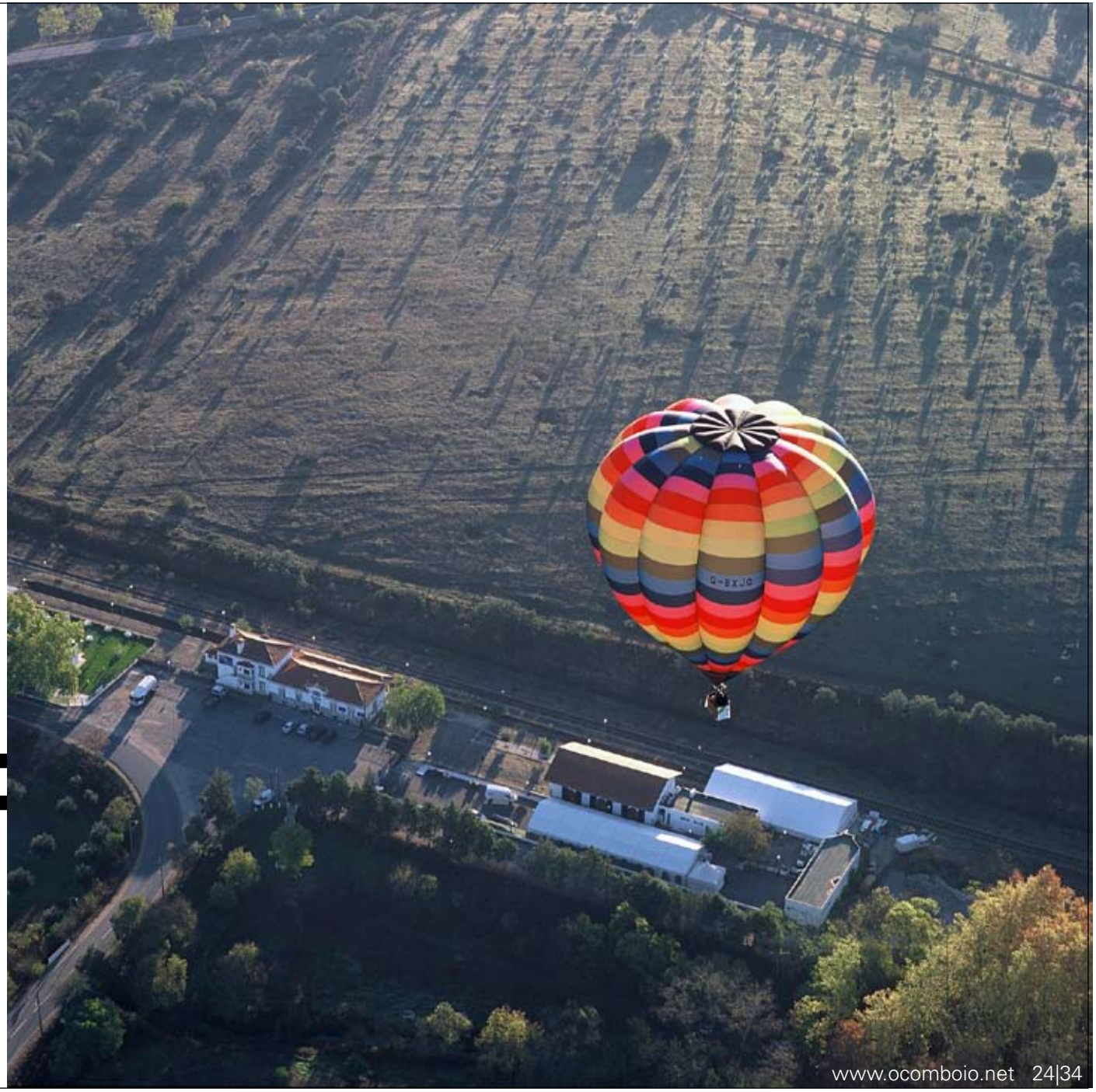
A VIDE DO CABEÇO

Cabeço de Vide é uma das três freguesias do concelho de Fronteira, situando-se 25 km a sudoeste de Portalegre. Tem 1150 habitantes e ocupa uma área de 65,7 km². Apesar de a ocupação remontar ao Neolítico, conta a lenda que no tempo da invasão Romana a jovem Teresa perguntou a Afonso se ele via uma grande vide no cabeço do monte. Ambos arrastaram os feridos de combate para aí, havendo ao pé um balneário "romano" onde muitas feridas foram saradas. Mais tarde, o povoado foi sede de concelho (1512-1855) por D. Manuel I, tendo Pêro Vaz de Camões (tio do poeta de "Os Lusíadas") sido aqui juiz das sisas. No património, destaque para o Castelo, a Torre do Relógio e a Cadeia, o Pelourinho, a Igreja Matriz, a Santa Casa da Misericórdia (uma das primeiras onze do país, fundada pela Rainha D. Leonor; daí o nome da Estalagem), a Igreja quinhentista e o Largo do Espírito Santo (o maior rossio do Sul), a Praia Fluvial (para natação, merendas e desportos radicais), a estação requalificada (com estalagem/restaurante) e, obviamente, a água que diverte e cura das Termas da Sulfúrea, que surgem representadas no centro do brasão da freguesia. No artesanato, realce para os trabalhos em cortiça, madeira, tecelagem, chifre e cerâmica. Da vila não "saíram" até ao momento figuras públicas. Fronteira tem uma: Cândido de Oliveira, primeiro capitão da Selecção Nacional de futebol e fundador do Casa Pia FC e do jornal "A Bola".

Voando sobre o ramal de Portalegre-Estação.
© Dario Silva, 2005.

ARCO-ÍRIS DE PRAZERES

"Arco-íris de prazeres" e "Arca de Noé do património natural português". São estes os dois principais "slogans" da Região de Turismo de São Mamede (www.rtsm.pt), equivalente à área do distrito de Portalegre. A rota da paisagem arrumada, do castelo a ancorar a identidade e do casario branco a espreitar no topo dos montes verdes tem vários apeadeiros obrigatórios – Portalegre dos conventos, museus, cerâmicas e tapeçarias; Elvas militar; os bordados e o queijo curado de Nisa; as flores de Campo Maior; os miradouros de Ouguela e Alter Pedroso; o Mosteiro de Flor da Rosa no Crato; a caça e as batidas ao javali de Sousel; a famosa Coudelaria de Alter do Chão; o São João de Arronches; a pesca e os desportos náuticos de Avis e Montargil; as praias fluviais de Fronteira e Gavião, a cidadela romana de Marvão (candidato a Património Mundial) e Monforte; a sopa gata e o vinho que se mastiga em Vimieiro.



Estação de Cabeço de Vide-Vaiamonte / Estalagem Rainha D. Leonor.
© Dario Silva, 2005.

A cultura megalítica é representada por mais de 500 antas e menires. O da Meada, Castelo de Vide, é o maior da Ibéria. Simultaneamente, o Parque Natural da Serra de São Mamede agrega 800 espécies de plantas, mais de metade das espécies de aves que nidificam no país, 70 por cento das espécies de répteis, 82 por cento das de anfíbios descritas para Portugal e a maior colónia de morcegos da Europa, enumera a brochura da RTSM.

ESTAÇÃO DE FRONTEIRA COM PENTATLO MODERNO COMPLEXO DE DESPORTO E LAZER DEVE ABRIR ATÉ 2009

Depois de Cabeço de Vide, a degradada estação de Fronteira será, quase seguramente, a próxima gare do Norte alentejano a ser reconvertida. A vencedora do Concurso Estações Floridas de 1959 vai ser, de acordo com o presidente da câmara local, o coração de um complexo de estágios e lazer, a incluir pentatlo moderno, piscina, campo sintético de futebol, centro de formação cinegética e parque radical. Pedro Lancha quer concluir a obra de oito hectares "no Verão de 2007 ou, no máximo, até final do mandato [2009]", "graças a 500 mil euros" estatais ou comunitários, passando depois a gestão do empreendimento a privados.

Sem comboios a passar há anos e com os carris envoltos em ervas daninhas e areias, a estação de Fronteira é uma sombra do seu passado pré-1989. Os dez pares de silos amarelos gigantes mal guardam cereais. No edifício principal, os belos azulejos sobre temáticas agrícolas e ambientais e as saudosas cinco portas de madeira (da esquerda para a direita: telégrafo, despacho, vestíbulo, sala de espera, arrecadação) não enganam as rachas e humidades, a sujidade acumulada, os vidros partidos e o vandalismo dos "graffiti", que substituem a serenidade salazarista pelo design urbano pós-modernista.

É precisamente neste imóvel que Pedro Lancha instalará a Empresa Municipal de Desporto e Turismo "Lazer Activo", cujo anteprojecto criou com dois colegas em 1988, seis anos antes de abraçar definitivamente a autarquia fronteirense (1994-2005). A CP aceitou a concessão do edifício ao município por 15 anos, renovável por períodos de cinco anos. Já constituída, a empresa vai ser activada em Janeiro de 2006 e fará a gestão da zona desportiva envolvente e do respectivo centro de estágios, a par da animação ambiental, social e turística autóctone. "Sempre pensei nesta infra-estrutura, derivado da minha vida ligada ao desporto e da vontade de atrair para cá atletas e jovens; além disso, isto é um investimento de recuperação do património do concelho",

Azulejos na estação de Fronteira.
© Dario Silva, 2005.

conta o ex-oficial das Forças Armadas que, após grave acidente, se dedicou à política (PSD).

Os oito hectares de terreno – incluem os dois hectares do complexo da estação, que abraçam o respectivo pavilhão, álea anexa e rua – vão integrar, entre outras estruturas, uma piscina, um campo sintético de futebol com pista de atletismo, um centro hípico e de equitação, um parque-aventura ou radicódromo, um pólo ecoturístico e uma rede de percursos pedestres (há já cinco em funcionamento, de 9 km a 18 km). A curta distância, será também fundado o Centro de Formação Cinegética, com carreira de tiro disponível para diversas armas desportivas, nomeadamente a carabina.

À ESPERA DE ATLETAS INTERNACIONAIS

O conjunto de equipamentos possibilitará assim a prática, a tempo inteiro e com condições de topo, do pentatlo moderno, que agrupa cinco modalidades (tiro, esgrima, natação, hipismo e corrida). Fronteira candidata-se então a acolher treinos de comitivas de várias paragens e, inclusive, a realizar provas nacionais e internacionais, visto que o pentatlo em Portugal praticamente se circunscreve a unidades militares e ao Jamor, em Lisboa.

"O projecto está feito, a concessão está regularizada, a questão é arranjar urgentemente cerca de 500 mil euros", alvitra Lancha, que espreita o financiamento em programas do Governo e da Comissão Europeia ligados ao turismo, sobretudo o estatal PIQTUR (Programa de Intervenções para a Qualificação do Turismo), o Piter e o comunitário Interreg. Na pretensão, far-se-á referência às potencialidades da beleza natural da vizinha Ribeira Grande e do Observatório Astronómico, que tem as obras a arrancar e será integrado na "Lazer Activo".

Independentemente da decisão e para se poder desde já alavancar o processo, a antiga estação – o primeiro núcleo do todo a ser intervencionado – deve ser recuperada pela autarquia a partir da primeira metade de 2006, "para assentar as bases do projecto e evitar, por exemplo, mais deterioração e vidros partidos". Quanto à exploração global do complexo desportivo, Pedro Lancha abona que "não será a câmara a explorar uma área comercial, não tem cultura para isso, deve entregá-lo a profissionais que o façam".

Ao longe, os silos da estação de Fronteira.
© Dario Silva, 2005.

Em cima: o Caminho de Ferro em Fronteira
© Dario Silva, 2005.

COMBOIO TURÍSTICO EM ESTUDO ENTRE PORTALEGRE E VILA VIÇOSA FRONTEIRA INSISTE NO PROJECTO CULTURAL INTERMUNICIPAL, APÓS 16 ANOS SEM VER COMBOIOS

Dezasseis anos depois, a Câmara de Fronteira pretende voltar a ver passar o comboio no ramal de Portalegre, apesar da indiferença dos concelhos vizinhos. O autarca Pedro Lancha enviou há meses uma carta com a proposta da criação de um comboio turístico aos restantes municípios por onde passa aquela linha, tida para a Refer como alternativa. De Portalegre, Sousel, Estremoz, Borba e Vila Viçosa, só o último autarca e o presidente da Junta de Cabeço de Vide manifestaram interesse em meter o projecto nos carris.

Apesar da bifurcação política regional, Lancha está "confiante e entusiasmado" em ver a luz ao fundo do túnel do projecto, até porque a estação de Fronteira (dentro de anos será um centro de estágios e lazer) e a congénere vizinha de Cabeço de Vide servem de incentivo à modernização do património ferroviário, a par de outros exemplos nortenhos. Por isso, o edil – que defende publicamente este plano desde Janeiro de 1994 – pretende "muito em breve" insistir nos contactos, "mas agora a título pessoal", sob pena de o processo se arrastar no tempo "e cair no esquecimento".
Em traços gerais, o comboio turístico faria a ligação das Regiões de Turismo de São Mamede e de Évora, isto é, dos distritos de Portalegre e Évora, reforçando a excelência da interioridade alentejana. O pacote turístico consagra que, a cada 10 km do percurso, há uma actividade diferente e complementar das homólogas a oferecer ao visitante. No concreto, destacam-se as adegas de Borba, o museu de Estremoz, as termas e o lazer em Fronteira, a caça em Sousel e o cosmopolitismo de Portalegre, entre outros.

"Cada vila tem uma razão para se dinamizar, há um manancial muito grande, seja no Verão ou no Inverno, porque se é certo que as termas funcionarão todo o ano também há desportos de ar livre e de campo para qualquer altura do ano e a própria gastronomia alentejana, como as migas, é ideal para o frio", contextualiza Pedro Lancha.

Antigas moradias de trabalhadores do Caminho de Ferro / Estalagem Raínha D. Leonor, Cabeço de Vide.
© Dario Silva, 2005.

"O ALENTEJO ESTÁ NA MODA"

Relativamente ao financiamento, com montante ainda por definir, repete-se o esquema a aplicar na gare fronteirense. "Portalegre é talvez o distrito mais pobre do país e com menos fundos governamentais recolhidos. Puxo para os programas de turismo porque há algum interesse dos Governos em dinamizar, conclui-se que Portugal deve viver um pouco disso", concretiza o autarca, antes de prosseguir: "E o facto de ser um projecto em parceria (meia dúzia de câmaras) ajuda, credibiliza e até sensibiliza para a protecção do equipamento ferroviário. O país é pobre, mas se houver ideias boas e persistência a coisa surge; demora, é certo, mas faz-se". O edil analisa ainda que "o Alentejo está na moda e a região tem de viver do turismo". Deste modo, conta envolver o apoio da Associação Nacional de Municípios, das Regiões de Turismo, da CP, da REFER e da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional, que há oito anos teve um projecto aproximado de reabilitação do caminho-de-ferro mas veio a "morrer no papel" antes da saída do Governo PS.

Apesar de inactivo e de ter troços adulterados (carris obstruídos, ervas daninhas, gares abandonadas), o ramal de Portalegre é considerado para as firmas ferroviárias nacionais como linha alternativa ao tráfego habitual, ou seja, não é presentemente possível anulá-la nem transformá-la numa ecopista.

BALNEÁRIO PRONTO NO VERÃO

O moderno e amplo balneário termal de Cabeço de Vide deve abrir ao público no Verão de 2006. A certeza é do presidente da Junta de Freguesia, Manuel Fontaínhas. As obras de alargamento e modernização, orçadas em mais de um milhão de euros, devem ficar concluídas no final da Primavera, havendo depois necessidade de o Ministério da Saúde homologar o espaço em termos biológicos e sanitários.

"É natural que, na inauguração, tenhamos talvez o melhor balneário, o mais contemporâneo do país", sustenta o autarca local, que está prestes a ver materializado um sonho com mais de duas décadas. A

água das Termas da Sulfúrea é única no mundo na sua composição e tem capacidades curativas.

As termas estão abertas oito meses por ano, mas passarão a operar ininterruptamente, podendo acolher 15 mil utentes por ano, tendo área de estética, de fisioterapia, de lazer e de piscina. À espera de resolver fica também o improvisado parque de campismo no Verão, com uma série de tendas junto das termas, sem condições de higiene ou casa de banho. A câmara quer arranjar um parque de campismo ou de merendas próprio para, no local visado, ser fundado um "court" de ténis e piscinas.

As termas foram utilizadas pelos romanos desde 118 a.C. e durante 600 anos, segundo documentação da Junta. Da Idade Média ao século XIX, as águas corriam para a ribeira e charcos estagnados, "onde mendigos lavavam as chagas e os animais banhavam as feridas". Em 1816, o médico Francisco António Almeida, da Academia das Ciências, verificou que a água era mineiro-medicinal, boa para doentes. O governador civil António Palmeiro Pinto promoveu 36 anos depois a recuperação e ampliação da área termal.

O Instituto Ricardo Jorge classifica a água como hipotermal, hiposalina, carbonetada e sulfurosa. A temperatura é de 19ºC e o cheiro é sulfídrico. É excepcionalmente indicada para doenças de pele e reumatismo articular, bem como na dor ciática ou muscular, gastrites, infecções uterinas ou renais e problemas respiratórios.

O REGRESSO DO BILHETE DE BANHO?

Nos anos 50 a 70, chegavam a Cabeço de Vide aquistas do Centro e Sul do país, nomeadamente do Entroncamento, e voltavam a casa no mesmo dia. A CP tinha um passe especial para eles: o bilhete de banho. A memória é deixada por Manuel Fontaínhas, que, apesar da nostalgia, espera a médio prazo voltar a ter transeuntes que possam vir numa carruagem matinal fazer o tratamento e depois regressar à tardinha, se o projecto do comboio turístico se concretizar.

O autarca admite que "foi uma pena" ter acabado a automotora (era mais do que uma por dia para Lisboa) e os comboios de mercadorias. Além de dar vida à vila, o trem "era um transporte que sempre fazia falta", ao haver viagens para Lisboa e para Sul, evitando o isolamento e restrição. Actualmente, é uma camioneta que praticamente faz esse serviço – vai de manhã para Portalegre e regressa ao final da tarde. Há ainda um expresso diário para Lisboa. Já as mercadorias seguem em camiões, "com o triplo ou quádruplo do esforço" (no combustível, na poluição, no desgaste da rede viária, no cansaço). "Mas 'os homens' é que sabem", solta, encolhendo os ombros.

A primeira vez que Fontaínhas rumou a Lisboa tinha seis anos de idade: "Os meus pais andaram um mês a preparar a viagem. Nessa altura ainda não tínhamos a ligação a

Janela da estação de Fronteira.
© Dario Silva, 2005.

Portalegre, então descíamos a Évora e desembarcávamos no Barreiro. Lembro-me que já sabia escrever e levava uma folha com todas as paragens onde íamos passando. O meu pai ia-me perguntando e eu respondia e assinalava: 'Aqui é esta, a próxima é a tal, já só faltam tantas...'. Era um transporte divertido e saudável", relembra com satisfação.

Hoje, a época é diferente. "Para ir a Lisboa não é preciso preparar nem 24 horas nem sequer duas horas. Decide-se num minuto e vai-se de carro, é mais fácil", desabafa o antigo relojoeiro, rematando com a esperança (política) de um dia o comboio voltar a ser "dos principais transportes alternativos válidos".

Em cima: o Caminho de Ferro em Fronteira
© Dario Silva, 2005.

FRONTEIRA, SEDE EUROPEIA DOS MESTRES ARTESÃOS

O município de Fronteira liderou, entre Novembro de 2003 e Setembro de 2005, o projecto transnacional ALMA – Aliança de Mestres Artesãos, destinado à cooperação e ao desenvolvimento das artes e ofícios tradicionais. O plano acolheu ainda Pézenas (Languedoc, Sul da França) e Sequeros (Salamanca, Espanha), duas localidades que curiosamente também não recebem comboios. O investimento rondou os dois milhões de euros, dois terços do qual vindo do FEDER/Interreg III-B.

Na vila alentejana, constituiu-se a Confraria das Artes e Ofícios Tradicionais, gestora da Aldeia Academia Europeia e Internacional de Artes e Ofícios Tradicionais. O espaço ofereceu exposição permanente, balcão de informação ao artesão, centro multimédia, oficinas-lojas, bolsas de emprego e "workshops". O principal objectivo consistiu em ver a identidade cultural reflectida e construída nos monumentos, produtos, objectos e saberes-fazer, enquanto instrumento de salvaguarda, protecção e qualificação integrada.

As actividades da ALMA centraram-se na cantaria, arquitectura em terra, carpintaria, marcenaria, ferro, alimentação (doces, geleias, compotas, licores, enchidos, queijos, azeite, mel e culinária), tecelagem, cerâmica, cestaria e, ainda, turismo de saúde (exclusivo a Fronteira). A valorização do património ferroviário não foi incluída.

Nas unidades produtivas, pretendeu-se incentivar uma maior disciplina de produção e inovação sem perda do carácter primário. Buscou-se ainda estimular redes de cooperação entre os três parceiros em canais de distribuição, políticas de marketing e trocas de "know-how" de matérias-primas, técnicas aplicadas e atenção ambiental.

EMENTA

Entradas Frias

Tábua de queijos e enchidos – queijo de Nisa e enchidos de porco preto, como cacholeira branca, morcela, lombo enguitado, lombo de toucinho, paio branco e presunto

Entradas Quentes

Cerca de 40 entradas regionais em fogareiros aquecidos, de modo a que os clientes possam fazer uma degustação da gastronomia regional: migas de espargos, migas de pão, pezinhos de coentrada, moelas, chouriço, farinheira, linguiça, favinhas com chouriço, toucinho frito, grão guisado, açorda de pão, açorda de batatas, açorda de espargos, orelheira, entrecosto frito, pezinhos em tomatada, lebre guisada, cogumelos com chouriço, ovas, pataniscas de bacalhau, peixinhos da horta, etc.

Sopa
Sopa à Alentejana
Sopa de cação
Sopa de legumes
Canja de galinha do Campo
Creme de coentros

Carnes

Costeleta de novilho à nossa moda
Entrecôte de novilho grelhado com pimenta verde
Espetada de novilho em pau de loureiro com ananás e banana grelhados
Medalhões de novilho no espeto à moda de Marvão
Nacos de novilho no espeto com camarão
Naco de novilho à moda do Dr. Berengas
Posta de novilho alentejano à moda da região
Posta de novilho à moda do Dr. Graça Moura
Rolinhos de novilho com ameixa de Elvas e maçã de Portalegre
Rolinhos de novilho com ananás, bacon, presunto ou queijo de ovelha
Tornedó de novilho com ananás
Espetada de porco preto em pau de louro
Febras de porco carregadas com ervas
Lombete de porco grelhado com pimenta preta
Medalhões de lombo de porco recheados com bacon, presunto ou ananás
Rolinhos de porco recheados com ameixa de Elvas e maçã de Portalegre
Topo de porco preto
Costeletas de borrego com molho de coentros
Espetada de javali em pau de louro
Febras de javali grelhadas com ervas
Escalopes de veado
Espetada de veado em pau de louro com pimenta preta
Medalhões de veado no espeto
Grelhada mista (5 carnes) (p/2 pessoas)

Restaurante Rolo, Cabeço de Vide.
© Dario Silva, 2005.

Restaurante Rolo, Cabeço de Vide.
© Dario Silva, 2005.

Peixe

Bacalhau assado à moda dos lagareiros da região
Cherne à Alentejana

Doces

Mesa de doces conventuais
Tecolameco
Presunto dourado
Queijinhos de amêndoa
Doce de vinagre
Encharcada de nozes
Encharcada simples
Fidalgo
Morgado
Trouxas-de-ovos
Arroz doce
Leite-creme queimado
Mousse de Chocolate
Pão de rala
Bolo de chocolate

PREÇOS

Refeição (prato principal) – de 11 a 18 euros
Estadia (single, duplo ou apartamento) – de 50 a 75 euros/dia

CONTACTOS

Morada: Rua da Estação, 7460-050 Cabeço de Vide
Tlf: 245638030
Fax: 245638031
Web: www.estalagerainhadleonor.com
Email: geral@estalagerainhadleonor.com

Agradecimentos:

A realização desta reportagem tornou-se possível graças ao apoio e colaboração de:

- Estalagem Rainha D. Leonor, Cabeço de Vide;
- Câmara Municipal de Fronteira;
- Junta de Freguesia de Cabeço de Vide;
- www.skyviewballoons.be

'O COMBOIO EM PORTUGAL' TEM O APOIO DE:

POS_Conhecimento
Programa Operacional Sociedade do Conhecimento

© Pe. Augusto Serra, 1961 (?), Arquivo da Junta de Freguesia de Cabeço de Vide.

FIM DE LINHA ©